

# Adolescência

### A 001 INTERVENÇÃO MULTIPROFISSIONAL COMO ESTRATÉGIA DE TRATAMENTO DE EXCESSO DE PESO EM ADOLESCENTES

LETÍCIA CAMILO SANTOS<sup>1</sup>, KAROLYNE ARAÚJO RESENDE<sup>1</sup>, ERIKA BARBOSA LAGARES<sup>1</sup>, ALBA OTONI<sup>1</sup>, MÁRCIA CHRISTINA CAETANO ROMANO<sup>1</sup>

1. Universidade Federal de São João Del- Rei

**Introdução:** Entre os adolescentes de 10 a 19 anos, um em cada quatro apresenta excesso de peso. Atualmente, há uma concordância entre os pesquisadores de que o tratamento do indivíduo obeso, realizado por equipe multiprofissional é o mais eficaz. **Objetivo:** Avaliar os efeitos de intervenções multiprofissionais no índice de massa corporal (IMC), padrão alimentar e de atividade física de adolescentes com excesso de peso. **Métodos:** Revisão sistemática da literatura pesquisada entre janeiro de 2012 e dezembro de 2016, nas bases de dados da Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos (PubMed), Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs) e Revisão Sistemática (Cochrane). **Resultados:** A presente investigação mostrou que não há um consenso sobre tipos de intervenção e resultados no que tange ao IMC, padrão alimentar e de atividade física de adolescentes com excesso de peso. Há variabilidade sobre a composição da equipe multiprofissional, tipos de processos educativos em saúde, periodicidade, protocolos, tempo de intervenção e instrumentos utilizados para a avaliação dos desfechos. Dos sete estudos selecionados, cinco se tratavam de estudos transversais ou longitudinais, um era uma coorte e o último, um artigo de revisão sistemática da literatura, sendo que destes, seis eram internacionais e um foi realizado no Brasil. As amostras variaram entre 41 a 781 crianças e adolescentes, totalizando 1098 participantes, dos quais, o maior percentual de indivíduos foi do gênero feminino em cinco estudos. O tempo de intervenção multiprofissional variou de 12 semanas a 2 anos, assim como a periodicidade, que variou entre semanal, mensal e trimestral. O nutricionista foi o único profissional presente em todas as equipes de intervenção. O núcleo multiprofissional das equipes era formado em sua maioria por profissionais de nutrição, educação física e psicologia e apenas dois estudos apresentaram o profissional enfermeiro como integrante da equipe de intervenção. **Conclusão:** Não houve um consenso quanto ao tipo de abordagem, tempo de intervenção e profissionais necessários para a composição das equipes. Somente um dos estudos apresentados na presente investigação era nacional. Portanto, torna-se oportuna a recomendação de implementação e avaliação de intervenções multiprofissionais no Brasil, com abordagens mais modernas acerca dessa temática.

**Palavra Chave:** Adolescente, Obesidade, Equipe de Assistência ao Paciente.

**Agradecimentos:** A Fundação de Amparo a Pesquisa de Minas Gerais- Fapemig e Universidade Federal de São João Del-Rei.

### A 002 AVALIAÇÃO DA INDICAÇÃO CIRÚRGICA COMO OPÇÃO TERAPÊUTICA PARA OBESIDADE INFANTIL

STEPHANIE SARSUR ALVES<sup>1</sup>, GABRIELA XAVIER REZENDE<sup>1</sup>, JÉSSICA KARINNE VIEIRA<sup>1</sup>, LUIS FERNANDO FARIA OLIVEIRA<sup>1</sup>, ROBERTO GOMES CHAVES<sup>1</sup>

1. Universidade de Itaúna

**Introdução:** A obesidade infantil (OB) é uma condição clínica de etiopatogênese complexa que envolve fatores genéticos e ambientais. Possui prevalência crescente no mundo, sendo que no Brasil, um terço das crianças encontram-se acima do peso ou obesas. A OB propicia o desenvolvimento de doenças cardíacas, psicológicas e endócrinas, que podem persistir na idade adulta. Faz-se necessário uma abordagem terapêutica que abranja as diversas causas e comorbidades envolvidas. O tratamento clínico para a OB engloba dietas hipocalóricas, atividade física e mudança comportamental para o paciente e família. Entretanto, em casos de obesidade grave e questões metabólicas envolvidas, esses tratamentos podem não ser eficazes. Nesse cenário, a cirurgia vem se mostrando como opção de tratamento. **Métodologia de busca:** Revisão bibliográfica através de artigos científicos das bases de dados Scielo e PubMed. Foram selecionados 6 artigos, tendo como critérios de inclusão e exclusão, a análise do abstract e o ano de publicação (2007-2018). **Objetivo:** Abordar o tratamento cirúrgico como opção terapêutica para OB, preconizando suas indicações e limitações. **Discussão:** Alguns autores afirmam que a cirurgia bariátrica (CB) em adolescentes obesos é segura e associada com significativa perda de peso, correção das comorbidades associadas e melhora da auto-imagem e da socialização do adolescente. Porém os trabalhos publicados sobre CB em adolescentes são escassos e não se conhece os resultados da cirurgia a longo prazo. Dessa forma, tratamento cirúrgico permanece como última opção, sendo indicado apenas para casos específicos. Em 2009, o Grupo Internacional de Endocirurgia Pediátrica publicou diretrizes propondo a realização de CB em adolescentes que apresentassem IMC acima de 35 associado a alguma comorbidade ou IMC acima de 40 isoladamente. Ademais incluíam: maturidade óssea, capacidade de aderir às orientações nutricionais pós-operatórias e suporte familiar. **Conclusão:** A abordagem da OB deve direcionar-se para medidas preventivas e investigação clínica, visando evitar a cronicidade das comorbidades e seus efeitos deletérios. A CB nessa faixa etária não é indicada como primeira opção, pois, envolve mudanças significativas nos hábitos de vida, além de toda a equipe médica e familiar. Entretanto, em casos graves que não respondem à terapia tradicional deve ser considerada, pois apresenta resultados eficazes e duradouros. **Palavra Chave:** Adolescentes, Obesidade, Cirurgia Bariátrica.

### A 003 RESUMO DE RELATO DE CASO DE ACOMPANHAMENTO A UM ADOLESCENTE COM OBESIDADE POR EQUIPE MULTIPROFISSIONAL EM UM AMBULATÓRIO DE OBESIDADE PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

ARIANE RODRIGUES GUMARÃES DE OLIVEIRA<sup>1</sup>, ANA CAROLINA CORRÊA CAFÉ<sup>1</sup>, EDUARDO SÉRGIO SILVA<sup>1</sup>, JOEL ALVES LAMOUNIER<sup>1</sup>, CLÁUDIA APARECIDA COSTA ABREU<sup>1</sup>, ALBA OTONI<sup>1</sup>, MÁRCIA CHRISTINA CAETANO ROMANO<sup>1</sup>

1. UFSJ

**Introdução:** Comportamentos não saudáveis na adolescência podem desencadear comprometimentos emocionais, corporais e nutricionais graves, podendo permanecer na idade adulta. Propostas de intervenção com foco em comportamento na abordagem de crianças e adolescentes com obesidade e suas famílias são imperativas na contemporaneidade. **Objetivo:** O objetivo deste estudo é apresentar os resultados do acompanhamento multiprofissional a um adolescente com obesidade e comorbidades. **Resultados:** O adolescente foi acompanhado por dezesseis meses por equipe multiprofissional, composta por enfermeiro, nutricionistas, psicólogo, educador físico e médico endocrinologista. Durante este período, o adolescente foi assistido por todos os profissionais. Foram diagnosticadas e tratadas as seguintes comorbidades: ansiedade, diabetes, hipertensão arterial e compulsão alimentar. O acompanhamento foi feito quinzenalmente ou mensalmente, dependendo da demanda e necessidade do paciente. Na primeira consulta, o paciente estava com imc de 4,81. Houve períodos de ganho e perda de peso, mas o foco principal do acompanhamento foram mudanças comportamentais, tanto em relação à alimentação quanto a relações interpessoais. Na última consulta, o paciente estava com o imc de 4,11. O adolescente foi, ademais, acompanhado, tratado e medicado por médico endocrinologista. **Conclusão:** O trabalho da equipe multiprofissional priorizou mudanças no comportamento do adolescente. Ele apresentou uma perda significativa de peso, que era indicada devido às comorbidades. Observou-se, além disso, crescimento adequado para a idade. **Palavra Chave:** Obesidade, Adolescente, Equipe Multi.

**Agradecimentos:** À UFSJ, À Prefeitura Municipal de Divinópolis, ao Ministério da Saúde.

### A 004 VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR COMO PRINCÍPIO DETERMINANTE DA VITIMIZAÇÃO DO OUTRO

CLÁUDIA MARIA FERNANDES MARIA<sup>1</sup>, ANÚBES PEREIRA DE CASTRO PEREIRA<sup>1</sup>, JOSÉ DE ANCHIETA FERNANDES NETO ANCHIETA<sup>2</sup>, CICERA RENATA DINIZ VIEIRA SILVA RENATA<sup>1</sup>

1. UFPC-Cajazeiras

2. Secretaria Saúde Monteiro- PB

A violência intrafamiliar compreende as relações de poder vividas por membros da família ou conviventes domésticos que é exercida por estes contra um membro desta convivência em seu contexto doméstico ou mesmo em outro ambiente. Por ação ou omissão pode ocorrer de quatro maneiras, as quais são: física, psicológica, negligência e sexual. Esta pesquisa teve por objetivo analisar a violência vivida por adolescentes moradores de uma área classificada como de alto índice de ocorrência de fenômenos violentos em um determinado Município do sertão paraibano. Foi desenvolvido no mês de Fevereiro de 2018, a partir da investigação qualitativa em uma Escola pública com adolescentes que constituem o universo de investigação de bullying entre escolares, mas que em seus discursos apresentavam vivência da violência intrafamiliar. Após a constatação da ocorrência de tal fenômeno foi definido o grupo amostral, determinado por dez participantes, optando-se pelo universo masculino por viverem a mesma tipologia de violência: física e psicológica, registrou-se a partir da análise do conteúdo o produto de suas falas. Os resultados mostraram como elemento para discussão a revolta de ser vítima de situações de maus tratos familiares e o desejo de praticar com outros tal fenômeno, em casa ou em outros ambientes. Assim, constatou-se que muitos são os determinantes para as práticas de vitimização do outro, mas que a violência vivida pelos agressores pode ser um dos determinantes e que trabalhar essa realidade é necessário para minimizar a ocorrência do fenômeno da violência

**Palavra Chave:** Adolescência, Família, Violência

### A 006 MALOCCLUSÃO E QUALIDADE DE VIDA EM ADOLESCENTES E SUAS FAMÍLIAS

ANDRÉA ANTÔNIA COSTA<sup>1</sup>, JÚNIA MARIA CHEIB SERRA-NEGRA<sup>1</sup>, ISABELA ALMEIDA PORDEUS<sup>1</sup>, SAUL MARTINS PAIVA<sup>1</sup>

1. Faculdade de Odontologia UFMG

**Introdução:** Conhecer as dinâmicas familiares é de fundamental importância na avaliação, no tratamento e na prevenção dos agravos a problemas em saúde geral e bucal. A malocclusão é uma condição bucal de alta prevalência e afeta a qualidade de vida de adolescentes e de seus familiares. **Objetivo:** O objetivo deste estudo foi avaliar o impacto negativo da malocclusão na qualidade de vida de adolescentes e suas famílias. **Métodos:** Um estudo transversal envolveu uma amostra aleatória de 474 adolescentes entre 11 e 14 anos e suas famílias. A forma curta brasileira do Child Perceptions Questionnaire (CPQ 11-14), a versão curta brasileira do Parental-Carregiver Perceptions Questionnaire (P-CPQ) e a versão brasileira do Family Impact Scale (B-FIS) foram utilizadas para avaliar a qualidade de vida dos adolescentes e de suas famílias. A malocclusão foi avaliada utilizando o Dental Aesthetic Index (DAI) por uma única examinadora calibrada. **Resultados:** A análise dos dados envolveu estatística descritiva, teste de Mann-Whitney e regressão de Poisson. Adolescentes com malocclusão apresentaram impacto negativo no escore total (p=0,048) e no bem-estar emocional (p=0,025). Pais/responsáveis por adolescentes com malocclusão apresentaram impacto negativo no escore total (p=0,041), no bem-estar emocional (p=0,036) e bem-estar social (p=0,029). O modelo multivariável mostrou que as famílias dos adolescentes com malocclusão apresentaram impacto negativo nos escore total rate ratio (RR) = 1,39, 95 intervalo de confiança (IC): 1,05-1,68, bem como nas atividades da família (RR=1,46, 95 IC: 1,09-2,06) e nos conflitos familiares (RR = 1,51, 95 IC: 1,11- 2,19). **Conclusão:** A malocclusão apresentou impacto negativo na qualidade de vida de adolescentes e de suas famílias, ocorrendo principalmente no bem-estar emocional dos adolescentes e no bem-estar emocional e social dos responsáveis, nas atividades e nos conflitos familiares.

**Palavra Chave:** Qualidade de Vida, Adolescentes, Malocclusão

**Agradecimentos:** FAPEMIG, CAPES, CNPQ

### A 005 PROJETO ADOLESCER 'COM - VIDA'

LUCAS DE OLIVEIRA SILVA<sup>1</sup>

1. Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais

**Introdução:** A adolescência é uma fase em que ocorrem várias mudanças, físicas, sociais e emocionais, trazendo consigo muitas dúvidas e curiosidades, onde a educação em saúde se faz essencial. **Métodos:** Acadêmicos do sétimo período do Curso de Enfermagem, em atividades práticas pela disciplina Assistência de enfermagem à saúde da criança e do adolescente, realizaram intervenção em escola de obras sociais. Por demanda da escola, diante da necessidade de prevenir gravidez na adolescência, foi realizada uma palestra de abertura e na semana seguinte a intervenção em quatro salas de aula através de roda de conversa. **Resultados:** O primeiro encontro foi uma palestra em auditório com 120 alunos de idade entre 11 e 14 anos, foi apresentado o projeto juntamente com a professora orientadora, acadêmicos, diretoria e coordenação da instituição. Foi utilizado apresentação em Power Point para descrição do projeto e por fim, dinâmica com uso de desenhos em cartazes para que os jovens demonstrassem as mudanças que estavam acontecendo em seus corpos. Estas foram discutidas de forma interativa para sanar as dúvidas. No segundo encontro, foram realizadas rodas de conversa em quatro salas de aula, abordando as mudanças no corpo, este segundo momento favoreceu uma maior e melhor participação dos adolescentes, inclusive pela proximidade que o encontro favoreceu. **Considerações finais:** A interação com os adolescentes mostrou que esta faixa etária necessita de ações educativas e intervencionistas com o intuito de evitar a exposição a riscos à sua saúde. O assunto central eram as mudanças corporais, mas questões sobre álcool, drogas, sexo e gravidez já emergiram, revelando a carência em informações sobre esses assuntos tão relevantes para esta faixa etária. Por outro lado, os acadêmicos perceberam grande valor nesta interação, pois vivenciaram na prática como se aproximar de jovens para abordar assuntos tão polêmicos.

**Palavra Chave:** Educação em Saúde, Enfermagem, Adolescente.

## A 007 O TRABALHO DE SAÚDE MENTAL COM ADOLESCENTE NO SISTEMA SOCIOEDUCATIVO: AVALIAÇÃO DAS POSSIBILIDADES DE RESPONSABILIZAÇÃO

BIANCA FERREIRA ROCHA<sup>1</sup>, ANA MARIA COSTA DA SILVA LOPES<sup>1</sup>

1. (UFMG)

Introdução: O sistema socioeducativo fundamenta-se no SUS - Sistema Único de Saúde -, conforme prevê o ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente - e o SINASE - Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo. A Política Socioeducativa propõe que as medidas se articulem com a rede de saúde para garantia da integralidade e promoção da saúde, via ações e práticas educativas e de assistência frente a algum agravamento em saúde. Objetivo: Investigar se no trabalho desenvolvido no sistema socioeducativo, com adolescentes com transtorno mental, é avaliada a capacidade de cumprimento de medida socioeducativa de internação. Métodos: Pesquisa qualitativa aprovada pelo COEP - Comitê de Ética em Pesquisa, com utilização de entrevistas semi-estruturadas com servidores do núcleo gerencial de uma SUASE - Subsecretaria de Atendimento Socioeducativo -, diretores das unidades socioeducativas, técnicos de diferentes áreas e agentes socioeducativos. Utilizou-se também diferentes documentos para elucidar as práticas de saúde, como as políticas e metodologias do sistema socioeducativo e os prontuários dos adolescentes, que foram analisados através da análise de conteúdo. Resultados: Percebeu-se que o diagnóstico é um fator importante para a condução do trabalho com os adolescentes e para a avaliação da capacidade de cumprimento da medida. Esse cumprimento é marcado por um circuito de sanções, encaminhamento para a rede de saúde e pela exaltação do uso de psicofármacos. Por fim, percebeu-se que a responsabilização é considerada no trabalho socioeducativo com o adolescente com transtorno mental, pois a capacidade de cumprimento da medida é avaliada para a continuidade das intervenções. Conclusão: Nesse contexto é preciso considerar o cumprimento da medida e todos os eixos que ela propõe, bem como a condição de resposta dada pelo adolescente que precisa de um cuidado em saúde mental, tendo em vista a sua singularidade de cumprimento. A responsabilização é considerada no acompanhamento dos adolescentes com quadro de saúde mental, uma vez que a capacidade de resposta deste é sempre avaliada. No entanto, há que se avançar no entendimento sobre a saúde mental no trabalho cotidiano com os adolescentes para a construção de intervenções mais socioeducativas e menos sancionatórias.

Palavra Chave: Adolescência, Medida Socioeducativa, Saúde Mental

## A 008 SAÚDE MENTAL DO ADOLESCENTE EM CUMPRIMENTO DE MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO: IMPASSES PARA ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO

RENATA CLEMENTE MALAQUIAS ALMEIDA<sup>1</sup>, ANA MARIA COSTA DA SILVA LOPES<sup>1</sup>

1. (UFMG)

Introdução: A saúde mental do adolescente em privação de liberdade exige uma discussão acerca do seu comportamento em situações de internação, ou seja, restrição total de liberdade. A questão que se coloca é se a restrição de liberdade pode ou não provocar algum tipo de sofrimento mental ou agravar quadros preexistentes. Objetivo: Estudar os efeitos da medida socioeducativa de internação sobre a saúde mental do adolescente. Métodos: Pesquisa qualitativa, revisão sistemática de literatura, com ênfase nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO) e na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS). Resultados: A partir desse trabalho, pode-se compreender que o efeito da medida socioeducativa de internação tem um impacto significativo sobre a saúde mental do adolescente, haja vista que a privação de liberdade, em si, é suficiente para gerar uma grande angústia no sujeito. Nessa situação, o jovem tem que lidar com duas condições desestabilizadoras: o estado reflexivo, próprio à privação da liberdade e consequente afastamento de seus familiares, amigos e atividades, e as condições precárias das instalações físicas e propostas de atendimento ao qual ele é submetido. Soma-se a esse contexto a própria condição do adolescente, que é um indivíduo em desenvolvimento e influenciado pelos aspectos biopsicossociais. Essa fase de transição, em si, envolve inúmeros conflitos subjetivos e alterações fisiológicas que, não raro, se manifestam a partir de comportamentos e atos. Vários transtornos psíquicos, como: Alterações do padrão de sono, ansiedade, alteração do humor, depressão, transtornos de comportamento são descritos nas situações de restrição total de liberdade. Conclusão: Essa reflexão é particularmente importante para o profissional de psicologia, pois envolve, dentro da sua perspectiva de trabalho, também um posicionamento ético sobre a natureza de sua profissão. Como estabelecer um vínculo de confiança essencial para que o trabalho de escuta e intervenção se consolide, se o jovem associa o espaço de restrição de liberdade no qual se encontra e todos que nele trabalham à punição. Como estabelecer um diagnóstico e um projeto terapêutico sem desconsiderar a situação adversa na qual o adolescente se encontra. Qual a natureza do sintoma: sofrimento psíquico ou transtorno psiquiátrico.

Palavra Chave: Adolescência, Medida Socioeducativa, Saúde Mental

## A 009 AUTO-LESAO E COMPORTAMENTO AUTOLESIVO EM ADOLESCENTES

CLAUDIA CHAVES VIEIRA<sup>1</sup>

1. (UFMG)

A auto-lesão é um problema significativo de saúde mental no século XXI. O aumento no registro de casos de auto-corte, auto-queima, ingestão excessiva de medicamentos tem sido amplamente observado e tornou-se um desafio para os profissionais de saúde. O objetivo deste trabalho é identificar no âmbito da literatura o que tem sido produzido sobre o comportamento autolesivo e/ou autolesões em adolescentes. Neste estudo foi utilizada como metodologia a revisão integrativa de literatura buscando responder a seguinte questão norteadora "o que tem sido produzido sobre o comportamento autolesivo e/ou autolesão na adolescência?" Resultados: o comportamento autolesivo afeta ambos os sexos, no entanto, é mais frequente em adolescentes do sexo feminino e mulheres jovens. A prevalência apresentou-se heterogênea devido a variações na população e métodos estudados pelos diversos autores. Os fatores de risco para autolesão são: história de abuso e negligência na infância e imagem negativa ou não aceitação do corpo. A depressão foi associada ao aumento da incidência de casos. Não há no momento protocolo de tratamento ou prevenção para autolesão. Conclusão: no momento faz-se necessário novos estudos quanto ao tema, devido a limitação de artigos referentes ao tema. É necessário padronização em relação à terminologias e propostas de tratamento e prevenção.

Palavra Chave: Automutilação, Auto-Agressão, Auto-Ferimento e Adolescentes.

## A 010 ADOLESCÊNCIA, PSICOSE E AUTOMUTILAÇÃO RELATO DE CASO

CLAUDIA CHAVES VIEIRA<sup>1</sup>

1. (UFMG)

A saúde pública mundial enfrenta um novo desafio trata-se dos Comportamentos Auto-Lesivos (CAL) e as tentativas de suicídio que marcam a adolescência e os adultos jovens na contemporaneidade. O interesse pela automutilação cresceu gradativamente nos últimos 20 anos, assim como, a resposta da mídia para esse comportamento que sempre o coloca em evidência. Resumo do caso Adolescente F. 16 anos de idade, segunda filha de uma prole de 2, mora com os pais e a irmã de 21 anos. Chegou ao serviço de urgência em Saúde Mental proveniente do Pronto-socorro após realização de cortes profundos nos braços e nas pernas necessitando de suturas. Dizia ter perdido a vida. "Quero minha vida de volta." Apresentava delírio de Cotard (delírio de negação na qual acreditava estar morta e que seus órgãos internos apodeceram). Alucinações visuais com os corvos (pássaros da morte). Na tentativa de retornar a vida dizia que seu corpo foi habitado pela "bolha" - uma adolescente bonita que a teria matado e habitado seu corpo. O tratamento psicoterápico e medicamentoso com antipsicótico e estabilizador do humor promove a regressão dos delírios, com persistência do humor deprimido e insatisfação com o corpo. Posteriormente cessaram os atos de escarificações e/ou mutilações. Atualmente os profissionais de saúde atendem com frequência adolescentes com histórico de automutilação. Diante da complexidade e das particularidades de cada caso esses profissionais são desafiados a identificarem as causas desse comportamento e o tratamento adequado. No caso apresentado acima trata-se de uma quadro de psicose, com regressão dos episódios de escarificação e automutilação após tratamento medicamentoso e psicoterápico. Portanto, faz-se necessário ampliar as discussões quanto ao tema, principalmente pela necessidade de tratar de forma adequada esses adolescentes, pelo volume de casos que chegam aos serviços e pela ausência de formação e discussão quanto ao tema. A autolesão para esses jovens é a forma possível de expressar seu sofrimento, é nosso papel não banalizar esse sofrimento e propiciar a esses jovens e suas famílias o tratamento adequado respeitando as particularidades de cada caso.

Palavra Chave: Adolescência, Psicose, Automutilação e Autolesão

## A 011 A TRANSIÇÃO DO CUIDADO PEDIÁTRICO PARA O ADULTO NA ANEMIA FALCIFORME: DESAFIOS E POTENCIAIS INTERVENÇÕES PARA UMA TRANSIÇÃO BEM SUCEDIDA

SABRINE BORBOREMA FLOR<sup>1</sup>, THAÍS SALLES DE SOUZA<sup>1</sup>, MARIANA RODRIGUES DE ABREU<sup>1</sup>, KEYLA CHRISTY CHRISTINE MENDES SAMPAIO CUNHA<sup>2</sup>

1. UNIVERSIDADE JOSÉ DO ROSÁRIO VELLANO

2. PROFESSORA ADJUNTA DO DEPARTAMENTO DE PEDIATRIA DA UFMG

Introdução: A transição do cuidado pediátrico para o adulto gera impactos psicossociais e nos cuidados de saúde de adolescentes com anemia falciforme (AF). A atual sobrevida na AF reforça o tema, visando a manutenção do tratamento nesses pacientes. Objetivo: Identificar os desafios que envolvem a transição do cuidado da atenção pediátrica para a adulta, que atuam como fatores dificultadores na manutenção do tratamento do indivíduo com AF e analisar potenciais intervenções para que essa transição seja melhor. Metodologia: Busca de artigos dos últimos cinco anos, nas plataformas Pubmed, Lilacs e Scielo, com os descritores 'Adolescent', 'Sickle Cell Anemia' e 'Transition to Adult Care'. Foram excluídos artigos de revisão, metanálises, comentários e cartas ao editor. Resultados: Os resultados demonstram que o processo de transição mal sucedido é influenciado por fatores que frequentemente levam à interrupção ou descontinuação da qualidade dos cuidados de saúde, interferindo na manutenção do tratamento dos adolescentes portadores de AF. A perda das relações contínuas médico-paciente, potencializam a diminuição da qualidade do atendimento, fazendo com que adolescentes sintam emoções diversas em relação à transição. Os principais desafios enfrentados são quanto aos aspectos da doença em si, o estigma associado à AF e a falta de conscientização da comunidade sobre o acometimento da doença. Novas realidades necessitam ser criadas entre pacientes, provedores e familiares, num período no qual o adolescente está com sua maturidade em desenvolvimento, gerando grandes expectativas e insegurança com relação à transição. Estudos mostram que, para um processo bem sucedido, atualmente, é necessário que aconteça uma educação de transição que incorpore tecnologia, até por volta dos 16 anos de idade, fazendo com que os pacientes sejam capazes de identificar suas barreiras individuais para continuidade do tratamento de forma adequada. Além disso, há a necessidade de capacitação dos profissionais de saúde, para pronta avaliação do adolescente e sua família em relação aos cuidados nessa transição. Conclusão: Adolescentes, familiares e profissionais de saúde apresentam percepções semelhantes quanto à transição do primeiro. É importante avaliar a prontidão da transição no nível familiar, por meio de ferramenta a ser melhor desenvolvida, e dos gestores de cuidados de saúde no processo de planejamento.

Palavra Chave: Adolescent, Sickle Cell Anemia, Transition to Adult Care

## A 012 HÁBITOS DE PROTEÇÃO E EXPOSIÇÃO SOLAR ENTRE ADOLESCENTES: UM ESTUDO PILOTO

BINCA LISA DE FARIA<sup>1</sup>, HENRIQUE AUGUSTO LINO<sup>1</sup>, SÍURA APARECIDA BORGES SILVA<sup>1</sup>

1. (UNIVERSIDADE DE ITAÚNA)

Introdução: A incidência de câncer de pele está em ascensão, sendo possível sua prevenção por meio do uso de protetor solar, roupas, bonés e diminuição da exposição ao sol. Apesar dessas medidas simples, estudos demonstram que adolescentes têm as menores taxas de proteção solar de todas as faixas etárias. Objetivo: Delimitar os costumes referentes à exposição solar entre estudantes adolescentes. Métodos: Aplicação do questionário validado SEPI (Sun Exposure and Protection Index), constando de 21 perguntas, para análise quantitativa. A amostra constituiu-se de 156 alunos, do 9º ano do ensino fundamental e 2º ano do ensino médio das escolas públicas em uma cidade no interior de Minas Gerais. Resultados: A idade média dos participantes foi de 15,6 anos, sendo 53 do sexo feminino. Dentre os entrevistados, 71 não utilizaram nem uma vez protetor solar nos últimos 30 dias. 52 dos alunos nunca fizeram bronzeamento, enquanto 14,1 fazem de forma regular e 21 nunca pensaram em parar com esse hábito. Quando expostos diretamente ao sol, 31 não fazem uso de protetor solar, 49 fazem-no erradamente e 22 fazem uso regular. O uso de roupas para proteção é feito por apenas 11 e, do total, 44 disseram nunca ter pensado em roupas como forma de proteção. Similarmente, 62 dos estudantes não utilizam sequer um chapéu ou boné e 46 nunca pensaram em fazer isso quando se expõem ao sol. Entre outras medidas, 40 deles se protegem do sol ficando dentro de casa ou na sombra e 45 tiveram algum tipo de queimadura de sol no último ano. Conclusão: Observa-se que a maioria dos adolescentes não procura se proteger da luz do sol, sendo esse um comportamento de alto risco para o desenvolvimento de doenças de pele. Portanto, devem ser considerados um grupo prioritário para intervenções destinadas a melhorar hábitos de proteção a exposição solar.

Palavra Chave: Comportamento do Adolescente, Protetores Solares, Estudante

### A 013 RELATO DE EXPERIÊNCIA: INTERVENÇÃO SOBRE SEXUALIDADE COM ADOLESCENTES EM UMA ESCOLA DE UMA COMUNIDADE PERIFÉRICA DE BELO HORIZONTE

LARISSA DAHER MICHEL<sup>1</sup>, ISABELLE SALOMÃO TEIXEIRA SILVA<sup>1</sup>, IZABELLA MOREIRA FULGÊNCIO<sup>1</sup>, TARUANY MELO NOGUEIRA<sup>1</sup>, SÍLVIO CÉSAR ZEPPONE<sup>1</sup>

1. (PUC-MINAS)

**Introdução:** A criação de diálogo entre profissionais, estudantes do campo de saúde e jovens por meio de projetos de intervenção permite o estabelecimento de um canal de comunicação que aborde temas que dificilmente seriam debatidos em instituições além do grupo de pares (FERRARI,2003). **Objetivo:** Elaborar um projeto de ação social centrado no agir participativo, fomentar a formação pessoal e acadêmica do estudante de medicina, aprimorar e executar um trabalho de educação em saúde com adolescentes. **Métodos:** Trata-se de um estudo qualitativo e de uma pesquisa-ação. A intervenção consistiu em uma roda de conversa, cujo público alvo era de jovens entre 14-16 anos, de ambos os sexos, foi utilizada linguagem clara e simples e material didático confeccionado pelas acadêmicas. Os temas foram escolhidos tendo em vista a relevância e os índices de morbidade. Os conteúdos expostos dentro do eixo principal "Sexualidade na Adolescência" foram sexualidade, Infecções Sexualmente Transmissíveis, métodos contraceptivos e gravidez na adolescência. Toda dinâmica abordada teve como respaldo as seguintes referências: Centers for disease Control and Prevention e Ministério da Saúde. **Resultados:** Os adolescentes participaram ativamente da dinâmica, expondo eventuais dúvidas acerca do tema, as quais foram sanadas. Ademais, a realização da dinâmica possibilitou um contato direto com o público e, conseqüentemente, uma rica troca de conhecimentos sobre a temática. **Conclusão:** A intervenção mostrou-se positiva para os participantes, principalmente, para as acadêmicas, as quais tiveram a oportunidade de realizar uma educação em saúde pautada na humanização. Por fim, foi evidenciada a importância de o médico exercer desde a graduação habilidades além do trabalho médico rotineiro, assumindo também uma postura de multiplicador de cidadania (COUTO, et al., 2016).

COUTO, V. B. M. et al. "Além da Mama": o Cenário do Outubro Rosa no Aprendizado da Formação Médica. Rev Brasileira de Educação Médica, Ilhéus, v. 41, n. 1, p. 30-37, 2017.

FERRARI, Jeolás LS RA. Oficinas de prevenção em um serviço de saúde para adolescentes: espaço de reflexão e de conhecimento compartilhado. Ciência Saúde Coletiva. 2003;8:611-20.

**Palavra Chave:** Educação em Saúde, Sexualidade, Adolescente.

**Agradecimentos:** Aos estudantes que contribuíram para o estudo

### A 014 PERFIL MATORACIONAL E ATIVIDADE FÍSICA: UMA REVISÃO DA LITERATURA

CEZENÁRIO CAMPOS<sup>1</sup>, FABIÂNGELO CARLOS<sup>1</sup>, LUCIENE MUNIZ<sup>1</sup>, WENDELL BILA<sup>1</sup>, ÉRIKA LAGARES<sup>1</sup>, MÁRCIA ROMANO<sup>1</sup>, JOEL LAMOUNIER<sup>1</sup>

1. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI)

**Introdução:** Investigações sobre o nível de atividade física em adolescentes e o estágio de maturação sexual estão sendo realizados na atualidade. Contribuindo para a elaboração de políticas públicas de prevenção ao sedentarismo e a inatividade física. **Objetivo:** Verificar, na literatura, estudos que discutam a relação entre o nível de prática de atividade física na adolescência e estágio maturacional. **Métodos:** Trata-se de um estudo de revisão da literatura, em que se analisou artigos publicados entre 2013 e 2017, nas bases de dados Lilacs/Medline BVS, Scielo, PubMed/Medline. Foram utilizadas como descritores as palavras: adolescente, maturação sexual, questionário e atividade física, no idioma português e sua equivalência na língua inglesa. **Resultados:** Foram encontrados 111 estudos, destes, 32 foram selecionados e oito foram utilizados como amostra, por responderem à pergunta norteadora dessa revisão. Observou-se que diferentes instrumentos foram utilizados para mensurar o nível de atividade física e o período maturacional. As ferramentas mais utilizadas foram os questionários, assim como os indicadores de maturação sexual, somáticos e esqueléticos. Entre os estudos, cinco mostraram possível relação da prática de atividade física e a situação maturacional em púberes, evidenciando uma relação antagônica entre esses aspectos. No entanto, ainda há controvérsias quanto ao tema, não existindo um consenso baseado em estudos randomizados para correlacionar tais variáveis, sendo necessários novos estudos que avaliem os aspectos psicológicos, biológicos e socioculturais. **Conclusão:** Diante dos diversos benefícios que a atividade física proporciona ao adolescente e sugerindo que o amadurecimento sexual e o passar da idade cronológica parece contribuir para a diminuição dessa prática, são necessárias novas pesquisas para compreender essa relação e possibilitar aos profissionais envolvidos com a saúde do adolescente agir efetivamente no combate ao sedentarismo e a inatividade física.

**Palavra Chave:** Adolescentes, Atividade Física, Maturação Sexual.

**Agradecimentos:** Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior (capes).

### A 015 ACOLHIMENTO VIVO DOS ADOLESCENTES: PERCURSOS E REDES

TAISA CRISTINA DA SILVA<sup>1</sup>, THOMAZ SANTOS ULHOA<sup>1</sup>, LARISSA BASTOS MILHORATO<sup>1</sup>, LUCAS MARTINS ASSIS<sup>1</sup>, LUIS AUGUSTO LOPES DE OLIVEIRA<sup>1</sup>, SUZANA TAYER AMARAL<sup>1</sup>, ANA MARIA COSTA DA SILVA LOPES<sup>1</sup>, THEREZA CHRISTINA PORTES RIBEIRO DE OLIVEIRA<sup>1</sup>, PATRÍCIA REGINA GUIMARÃES<sup>1</sup>, CRISTIANE DE FREITAS CUNHA GRILLO<sup>1</sup>

1. (UFMG)

**Introdução:** Projeto interdisciplinar de extensão universitária para atendimento de adolescentes de todo o estado de Minas Gerais, particularmente aqueles em situação de vulnerabilidade, os quais vêm acompanhados de familiares, ou agentes socioeducativos, no caso dos adolescentes em conflito com a lei. **Objetivos:** Promover um "acolhimento vivo" dos adolescentes e familiares que os vinculam ao atendimento, e estimular a interlocução com as redes de saúde, de assistência social e educacional. O acolhimento vivo considera a demanda do sujeito de forma articulada ao território, produzindo o fomento das políticas públicas. **Métodos:** Acolhimento de cada um que busca o serviço, de forma desburocratizada, com atenção ao sofrimento físico e psíquico do adolescente e familiares, e agilidade no atendimento clínico a partir dessa análise. Os casos são discutidos pela equipe interdisciplinar. O adolescente guia o trabalho de construção do cuidado, sempre a partir das suas demandas e é incentivado a refletir sobre seus atos e as conseqüências destes, ao invés de permitir que tais efeitos se manifestassem na forma de um sintoma por meio de atos de intolerância. Ocorrem oficinas de arte destinadas aos adolescentes e familiares. Etapas da implantação do acolhimento vivo: adequação da área física, estar atento às diversidades cultural, social, étnica, janela de escuta e estabelecimento do vínculo, humanização das relações, discussão com equipe multidisciplinar caso-a-caso. **Resultados:** Observa-se que o acolhimento vivo é o coração do Projeto, permitindo uma interlocução imediata com os diversos setores. Todavia, a demanda é crescente, o que faz cada vez mais necessário a articulação com as políticas públicas, sendo esse o objetivo, para que o Projeto consiga alcançar a capilaridade até a Atenção Primária à Saúde. **Conclusão:** São muitos os impasses, mas conseguimos grandes avanços no acolhimento vivo dos pacientes e nas parcerias, estabelecendo diálogos com os territórios a partir da Secretaria Municipal de Saúde.

**Palavra Chave:** Acolhimento, Adolescência, Interdisciplinar

### A 016 CONSTRUÇÃO DE INTERVENÇÕES ARTICULANDO TERRITÓRIO E ATENÇÃO INTEGRAL À SAÚDE DOS ADOLESCENTES

THOMAZ SANTOS ULHOA<sup>1</sup>, TAISA CRISTINA DA SILVA<sup>1</sup>, LUCAS MARTINS ASSIS<sup>1</sup>, LARISSA BASTOS MILHORATO<sup>1</sup>, LUIS AUGUSTO LOPES DE OLIVEIRA<sup>1</sup>, PATRÍCIA REGINA GUIMARÃES<sup>1</sup>, THEREZA CHRISTINA PORTES RIBEIRO DE OLIVEIRA<sup>1</sup>, ANA MARIA COSTA DA SILVA LOPES<sup>1</sup>, SUZANA TAYER AMARAL<sup>1</sup>, CRISTIANE DE FREITAS CUNHA GRILLO<sup>1</sup>

1. (UFMG)

**Introdução:** Instigar a construção de uma rede de cuidado ao adolescente nos territórios de demanda de um projeto de extensão e identificar os impasses dessa rede que possam ser revistos para melhor qualidade da assistência. **Objetivo:** Articulação entre o projeto de extensão e a rede de cuidado do adolescente no território, abrangendo a saúde, assistência social e educação, promovendo a sensibilização dos profissionais e a atenção qualificada ao adolescente. **Método:** Parte-se da análise de um projeto de extensão, no qual é realizado o acolhimento de adolescentes, na perspectiva de caracterizar a amostra dos adolescentes atendidos. Conversas e discussões de casos das regionais de Belo Horizonte são elaborados para fortalecimento da rede local de atenção ao adolescente. **Resultados:** A articulação do projeto de extensão com o território se iniciou pela Regional Leste, a partir dos impasses de casos clínicos. A Regional Leste destaca-se pelo alto Índice de Vulnerabilidade Juvenil (IVJ-BH, 2015). A discussão de caso iniciada teve participação de diversos setores do poder público (Secretaria Municipal de Saúde, Assistência Social, Subsecretaria de Atendimento Socioeducativo) e profissionais envolvidos (psicólogos, assistentes sociais, médicos, juiz). A articulação com a rede visa a sensibilização dos profissionais, qualificação da atenção ao adolescente e fortalecimento das redes locais de atenção. **Conclusão:** Destaca-se a importância da articulação do projeto de extensão com as políticas públicas e contínua construção de redes de cuidado para a garantia de Direitos e manutenção da capilaridade da rede de atenção ao adolescente.

**Palavra Chave:** Adolescência, Território, Extensão

### A 017 PESQUISA SOBRE COMPORTAMENTO DE ADOLESCENTES NO TRÂNSITO DE BELO HORIZONTE

VÂNIA PAULA DE CARVALHO<sup>1</sup>, RONARO DE ANDRADE FERREIRA<sup>2</sup>, ROSELI FANTONI<sup>3</sup>, ANDRÉIA CIRINO BARBOSA DE PAIVA<sup>3</sup>, MARIA DAS GRAÇAS CIRINO FRANCA<sup>3</sup>, KARINE TEIXEIRA PEDROSA<sup>4</sup>, FLÁVIO SANTOS PIMENTA<sup>5</sup>, ELECIÂNIA TAVARES<sup>6</sup>, ELZA MACHADO DE MELO<sup>7</sup>, FERNANDO MADALENA VOLPE<sup>8</sup>

1. UNIMED AEROMÉDICA
2. BHTRANS
3. DEER-MG
4. SISTEMA DIVINA PROVIDÊNCIA
5. SESP-MG
6. CES-MG
7. UFMG
8. FHEMIG

**INTRODUÇÃO:** Pesquisa denominada Investigação dos Riscos de Saúde entre Adolescentes e seus Determinantes, considerados os limites cronológicos da adolescência definidos pela Organização Mundial de Saúde, entre 10 e 19 anos. **OBJETIVO:** Analisar algumas situações relacionadas com o trânsito, para uma melhor compreensão da realidade dos adolescentes de Belo Horizonte. **METODOLOGIA:** Estudo transversal, com questionário anônimo autoaplicável, preenchidos por uma amostra de 1.215 adolescentes com erro de 5, sendo o número de alunos de cada escola

proporcional ao seu tamanho. A participação de cada adolescente foi autorizada por seu responsável legal, assinado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido e o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o número 355/09. **RESULTADO/DISCUSSÃO:** O questionário foi aplicado nos adolescentes das referidas escolas, sendo: sexo feminino (54,74/665), sexo masculino (44,85/545) e não declarado (0,41/5). O sexo masculino tem uma propensão três vezes maior de dirigir sem CNH (37,9) do que o sexo feminino (11,6), dos 23,4 afirmaram SIM. O hábito de dirigir sem CNH entre alunos de escolas federais (35,3) e privadas (30,7). Perguntas relacionadas ao perfil dos adolescentes foram cruzadas com a prática de dirigir sem CNH, entre elas, 'se eram rebeldes' no sexo feminino (12) e no sexo masculino (64,3), bastante significativo. Em ambos os casos mais de 2/3 daqueles que participam de gangues já dirigiram sem CNH, assim como, participar de grupos religiosos não afeta a probabilidade de dirigir sem CNH e o sexo não tem influência. Quando perguntados 'se já dirigiram sob efeito de álcool ou drogas' o comportamento é cerca de dez vezes maior em adolescentes masculinos. Finalmente, quando perguntado 'se eles já haviam cometido a infração de não usar o cinto de segurança', mais de 3/4 dos entrevistados assumiram já ter cometido esta infração e não houve influência relacionada ao sexo. O auto relato de alguns adolescentes de comportamentos ilegais, a prevalência do sexo masculino, os fatores socioeconômicos e culturais, aparentemente tiveram grande influência nos dados. **CONCLUSÃO:** Através de pesquisas sobre a saúde e violência no trânsito, teremos uma melhor compreensão da realidade dos adolescentes, possibilitando ações preventivas e adequações de políticas públicas de saúde.

**Palavra Chave:** Adolescente, Comportamento, Trânsito, Violência

**Agradecimentos:** Especiais ao Núcleo de Promoção de Saúde e Paz da UFMG e Ao Grupo de Pesquisas Sauri Trânsito.

## A 018 SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA: UMA REALIDADE CAMUFLADA E MULTIFATORIAL

GIULLIA LONGOBARDI<sup>1</sup>, INGRID LOURENÇO<sup>1</sup>, THUANNY GRANATO FONSECA SILVA<sup>1</sup>, RACHEL APARECIDA FERREIRA FERNANDES<sup>1</sup>

1. UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

**INTRODUÇÃO:** O suicídio está entre as dez principais causas de morte no mundo. No Brasil, ocupa o terceiro lugar entre 15 a 24 anos de idade, sendo um problema de saúde pública. Esse fenômeno multifatorial possui sua frequência real desconhecida devido à subnotificação. **OBJETIVO:** Apresentar a relevância do suicídio como causa de morte entre os adolescentes, abordando suas possíveis causas e/ou fatores predisponentes, além de ressaltar o grave problema da subnotificação no reconhecimento da sua real frequência nessa faixa etária. **METODOLOGIA:** Revisão da literatura nacional e internacional, por meio das bases científicas PubMed, Medline e CUMED. Foram utilizados os descritores "suicídio" ou "tentativa", "adolescente", "fatores de risco", "incidência" e "frequência", publicados entre 2008 e 2018, além de dados do DATASUS sobre óbitos evitáveis de 5 a 74 anos. **RESULTADO:** Em 2000, foram registrados, no Brasil, 608 casos de suicídio de adolescentes entre 10 e 19 anos de idade e, em 2015, 854 (aumento de aproximadamente 40 em 15 anos). Embora alarmante, esses números devem ser ainda maiores devido à subnotificação. A inadequação dos registros de óbito por suicídio, sobretudo na adolescência, deve-se tanto a pedidos de familiares para ocultação da causa de morte quanto à falha na identificação e classificação dessas mortes. Em Recife (PE), 9 das "intencionalidades indeterminadas" foram reclassificadas em suicídio após reavaliação. São fatores de risco: transtornos psiquiátricos, uso de álcool e de drogas, bullying, histórico familiar de autoextermínio, abuso sexual e tentativas prévias. Notou-se maior incidência em grupos minoritários, como LGBTs. Observaram-se diferenças quanto ao sexo: no feminino, é mais prevalente a tentativa, enquanto no masculino, o ato consumado. **CONCLUSÃO:** Seguindo uma tendência mundial, o suicídio na adolescência é crescente no Brasil e, por isso, tema de discussão extremamente importante. O reconhecimento de fatores predisponentes é essencial para a abordagem do paciente. A subnotificação, reflexo de tabus e preconceitos ou do despreparo de profissionais em classificar a morte como suicídio, repercute no reconhecimento da dimensão desse problema e prejudica o planejamento de medidas para minimizar sua incidência.

Palavra Chave: Suicídio, Tentativa, Adolescente, Fatores de Risco

## A 019 FATORES SOCIODEMOGRÁFICOS E COMPORTAMENTOS DE RISCO ASSOCIADOS AO SEXO DESPROTEGIDO ENTRE ADOLESCENTES: UM RECORTE DO ESTUDO ERICA

LUCIANA RAMOS DE MOURA<sup>1</sup>, DANIEL PEREIRA REZENDE CABRAL<sup>2</sup>, MATILDE MEIRE MIRANDA CADETE<sup>1</sup>, KARINE FERREIRA DOS SANTOS<sup>1</sup>, CRISTIANE DE FREITAS CUNHA<sup>1</sup>

1. UFMG

2. FASEH

**Objetivos:** associar os fatores sociodemográficos e os comportamentos de risco para a saúde ao sexo desprotegido entre adolescentes da cidade de Belo Horizonte-MG. **Método:** trata-se de estudo transversal de abordagem quantitativa que investigou 2.580 adolescentes com idade entre 12 e 17 anos, de ambos os sexos, matriculados em escolas públicas e privadas da capital. O presente estudo é um recorte do ERICA para a cidade de Belo Horizonte-MG. A população de pesquisa correspondeu aos adolescentes de 12 a 17 anos, matriculados em 43 escolas públicas e particulares da capital mineira. Resultados: a maioria dos adolescentes avaliados se classificou como parda (54,3), mora com o pai e com a mãe (56,9) e possui proxy de riqueza de 22,9 pontos. Aproximadamente 23,5 dos adolescentes possuem vida sexual ativa e a maioria destes é do sexo masculino (27,4 dos meninos contra 19,7 das meninas,  $p=0,001$ ). Os meninos iniciaram a vida sexual em idade mais precoce quando comparados às meninas (13,1 anos  $\pm$  0,2 e 14,3 anos  $\pm$  0,1,  $p=0,001$ , respectivamente). De modo geral, percebe-se menos uso do ACO quando comparado à camisinha, especialmente entre os meninos ( $p=0,001$ ). Estudar em escola pública (OR: 6,4 IC95 3,1-13,3) bem como não usar o ACO (OR: 29,7, IC95 17,3-51,3) associaram-se ao não uso da camisinha. Por outro lado, ser do sexo masculino (OR: 2,5, IC95 1,8-3,5), ter a cor preta (OR: 1,5 IC95 1,1-2,0) e a idade mais avançada (OR: 1,4, IC95 1,3-1,5), consumir álcool (OR: 3,9, IC95 2,7-5,5) e ter alimentação inadequada (OR: 2,2, IC95 1,1-4,9) relacionaram-se ao não uso do ACO. **Conclusão:** recomenda-se que as práticas sexuais entre adolescentes sejam abordadas de forma agregada aos demais comportamentos de risco para a saúde, com destaque para uso de álcool e alimentação inadequada, a partir de programas que considerem as especificidades sociodemográficas e culturais desse público.

Palavra Chave: Assunção de Riscos, Adolescente, Sexo Desprotegido

Agradecimentos: Equipe Erica Central, Ministério da Saúde

## A 020 FATORES SOCIODEMOGRÁFICOS E COMPORTAMENTOS DE RISCO ASSOCIADOS AO USO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS E TABACO ENTRE ADOLESCENTES: UM RECORTE DO ESTUDO ERICA

LUCIANA RAMOS MOURA<sup>1</sup>, DANIEL PEREIRA REZENDE CABRAL<sup>2</sup>, KARINE FERREIRA DOS SANTOS<sup>1</sup>, MATILDE MEIRE MIRANDA CADETE<sup>1</sup>, CRISTIANE DE FREITAS CUNHA<sup>1</sup>

1. UFMG

2. FASEH

**Objetivo:** associar o consumo de tabaco e bebidas alcoólicas às variáveis sociodemográficas e aos comportamentos de risco entre adolescentes da cidade de Belo Horizonte/MG. **Método:** trata-se de estudo transversal realizado com adolescentes de idade entre 12 e 17 anos matriculados nas escolas públicas e privadas de Belo Horizonte-MG. Resultados: foram avaliados 2.547 adolescentes. O consumo de bebidas alcoólicas foi de 22,1 (IC95 19,5-24,8), sendo superior ao de tabaco - 3,8 (IC95 2,7-5,2). Idades mais avançadas (OR: 1,36 IC95 1,22-1,51), sexo feminino (OR: 0,68 IC95 0,53-0,88) e maior valor para o proxy de riqueza (OR: 1,04 IC95 1,01-1,07) apresentaram associação com o consumo de bebidas alcoólicas. Consumir tabaco (OR: 7,25 IC95 3,7-14,22) e não fazer uso do ACO (OR: 3,5 IC95 2,49-4,91) aumentaram as chances de o adolescente fazer uso de álcool. O não uso da camisinha na última relação (OR: 2,59 IC95 1,48-4,54) e o consumo de bebidas alcoólicas (OR: 7,98 IC95 3,94-16,17) aumentaram as chances de o adolescente fumar. **Conclusão:** as ações em saúde voltadas para a prevenção do uso de tabaco e álcool devem minimizar os distanciamentos entre as classes, sexo e idade, sendo necessária, para tanto, a compreensão das especificidades regionais. Trabalhar de forma concomitante a prevenção de álcool e tabaco, investigar as razões que levam os adolescentes a experimentá-los, aproximar os fatores de proteção e promover a articulação entre a saúde e a educação favorecerão as ações.

Palavra Chave: Comportamento do Adolescente, Tabaco, Bebidas Alcoólicas.

Agradecimentos: Equipe Erica Central, Ministério da Saúde

## A 021 ADOLESCER POSITIVO, PROMOÇÃO À SAÚDE DOS JOVENS POR MEIO DE RODA DE CONVERSA.

LUCIANA RAMOS MOURA<sup>1</sup>, ISABELA MIE TAKESHITA<sup>1</sup>, ROCHANE NAYARA SOARES LOPES<sup>1</sup>, ADRIANA ANASTÁCIA DOS SANTOS DIAS<sup>1</sup>, ANA FLÁVIA FREIRE<sup>1</sup>, CAIO CALDAS COUTO<sup>1</sup>, JULIANA CATARINA PIRES<sup>1</sup>, LETÍCIA SILVA MARINHO<sup>1</sup>, PEDRO ADAMASTOR HENRIQUE<sup>1</sup>

1. FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DE MINAS GERAIS

**Introdução:** Segundo dados do IBGE existiam 80 milhões de jovens até 24 anos em 2009 no Brasil, correspondendo a 42 da população, revelando que apesar de ser um país em processo de envelhecimento, o Brasil ainda é composto essencialmente por jovens. As transformações físicas, psíquicas e sociais que permeiam a adolescência (AD), associadas à vulnerabilidade do jovem exigem dos profissionais da saúde e educação estruturação adequada para a promoção de saúde do adolescente no âmbito escolar. Desta forma, estudos têm destacado a necessidade de utilizar estratégias educativas e preventivas para melhorar a compreensão da saúde entre os jovens. **Objetivos:** Construir momentos de discussão visando auxiliar os adolescentes participantes a construírem uma postura crítica em relação a questões ligadas a saúde física, mental e social, levando-se em conta a realidade na qual estão inseridos, buscando empoderá-los para que sejam promotores do próprio cuidado. **Metodologia:** O Projeto de extensão Adolescer Positivo transcorreu durante o segundo semestre do ano de 2017. Adolescentes com idade entre 15 e 19 anos alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Presidente Antônio Carlos da cidade Belo Horizonte. Foram realizados encontros quinzenais com estudantes do Ensino Médio de uma escola estadual de Belo Horizonte/MG. As intervenções ocorreram dentro das salas de aulas e nelas foram realizadas discussões longitudinais e dinâmicas de grupo para abordar os temas que foram definidos previamente por demanda da escola ou dos próprios alunos. Tais temas estavam dentro da proposta inicial do projeto. Resultados: Os resultados da experiência em questão foram positivos e puderam ser observados qualitativamente por meio da melhoria do conhecimento e da capacidade de argumentação dos alunos em relação aos temas abordados. Também foi notado um maior interesse em relação ao autocuidado, além disso os alunos passaram a demonstrar mais interesse em saber das oportunidades que eles possuem para o futuro. O projeto também proporcionou melhor interação deles entre si e com os acadêmicos que realizaram o projeto. **Considerações Finais:** A promoção da saúde na AD depende do contexto informacional e da estratégia de intervenção, que deve valorizar

Palavra Chave: Grupo, Promoção a Saúde do Adolescente, Escola

Agradecimentos: NEA Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais

## A 022 FATORES SOCIODEMOGRÁFICOS E COMPORTAMENTOS DE RISCO ASSOCIADOS À INATIVIDADE FÍSICA E COMPORTAMENTO ALIMENTAR INADEQUADO ENTRE ADOLESCENTES: UM RECORTE DO ESTUDO DE RISCOS CARDIOVASCULARES EM ADOLESCENTES (ERICA)

LUCIANA RAMOS MOURA<sup>1</sup>, DANIEL PEREIRA REZENDE CABRAL<sup>2</sup>, MATILDE MEIRE MIRANDA CADETE<sup>1</sup>, CRISTIANE DE FREITAS CUNHA<sup>1</sup>

1. FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DE MINAS GERAIS

2. FASEH

3. UFMG

**Introdução:** na adolescência ocorrem alterações no padrão alimentar e físico, com aumento do consumo de alimentos com alto teor de gordura e açúcar e redução das atividades físicas. O comportamento alimentar inadequado (CAI) associado à inatividade física contribui para o incremento do sobrepeso e obesidade e consequente elevação do risco de doenças crônicas. **Objetivo:** associar os fatores sociodemográficos e os comportamentos de risco à inatividade física e aos CAIs entre adolescentes de Belo Horizonte-MG. **Método:** trata-se de recorte do ERICA, estudo transversal de base escolar a partir dos dados coletados na cidade de Belo

Horizonte-MG. O CAI e a inatividade física foram associados a variáveis sociodemográficas e aos demais comportamentos de risco que afetam a vida dos adolescentes (uso de tabaco e álcool, sono inadequado e sexo desprotegido). Os dados foram submetidos à análise descritiva, teste do qui-quadrado e cálculo da odds ratio (OR). Resultados: aproximadamente 92,1 dos adolescentes possuem algum CAI e em 60,1 da amostra observou-se a ocorrência de inatividade física. A prevalência de sobrepeso/obesidade foi maior entre 106 adolescentes inativos fisicamente ( $p=0,039$ ). O CAI associou-se aos seguintes fatores: baixa pontuação para o proxy de riqueza (OR: 0,76 IC95 0,91-0,99), estudar em escolas privadas (OR=0,32, IC95 1-1,75), e estudar em escolas que não vendem alimentos (OR=1,69, IC95 1,23-2,33). O CAI também se associou ao não uso do anticoncepcional oral ACO na última relação sexual (OR=2,49, IC95 1,3-4,78). A inatividade física, por sua vez, associou-se a: frequentar escolas que não oferecem merenda (OR: 0,78 IC95 0,70-0,88), estudar em escolas que não vendem alimentos (OR: 0,76 IC95 0,67-0,86) e ao padrão de sono inadequado (OR: 1,22 IC95 1,00-1,49). **Conclusão:** ações voltadas para a prevenção do comportamento alimentar inadequado e inatividade física devem contemplar as especificidades contextuais do público a que se destinam. Apesar das diferentes associações encontradas, a venda de alimentos na escola apresentou-se como fator de proteção aos dois comportamentos de risco estudados. A valorização dos espaços de socialização do jovem, entre eles a escola, pode auxiliar na condução de intervenções em saúde que envolvam aptidão física, saúde e nutrição.

Palavra Chave: Sedentarismo, Comportamento Alimentar, Adolescentes.

Agradecimentos: Equipe Erica Central, Ministério da Saúde

## A 023 EDUCAÇÃO EM SAÚDE SOBRE PROJETO DE VIDA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE BELO HORIZONTE

ISABELA MIE TAKESHITA<sup>1</sup>, ELIZABETH FÁTIMA SIMÕES<sup>1</sup>, CAROLINE NEIVA ZILE SILVA<sup>1</sup>, LETÍCIA SOUSA JARDIM<sup>1</sup>, ALINE DE ALMEIDA LIMA<sup>1</sup>, REBECCA BLENDIA LEMOS MARCONDES<sup>1</sup>, LUCIANA ALVES SILVEIRA MONTEIRO<sup>1</sup>, LUCIANA RAMOS DE MOURA<sup>1</sup>, CLAUDIRENE MILAGRES ARAUJO<sup>1</sup>, ALESSANDRA SILVA LIMA JARDIM<sup>1</sup>

1. FCMMG

**Introdução:** A escola tem papel fundamental na sociedade, pois prepara os jovens na transitoriedade para a vida adulta. É fundamental oportunizar atividades para a reflexão e amadurecimento de sua trajetória pessoal, reflexões raras na atualidade das escolas públicas. **Objetivos:** Orientar adolescentes sobre as diversas possibilidades para um projeto de vida. **Metodologia:** Acadêmicas do Curso de Enfermagem, durante a prática clínica da disciplina de Assistência de Enfermagem à Saúde da Criança e Adolescente, no segundo semestre de 2017, realizaram intervenção em escola. Foi utilizada a metodologia de roda de conversa para favorecer a participação dos jovens. Realizou-se a entrega de folder produzido pelas acadêmicas com dados sobre ensino profissionalizante, superior, financiamento, bolsa, entre outros. **Resultados:** Foram realizadas perguntas aos adolescentes: "o que vocês querem para o seu futuro?" e "o que vocês estão fazendo para chegar lá?". As respostas anônimas foram escritas em papel. Foram 35 depoimentos, quatro adolescentes não sabem ou não pensam no futuro, dois desejam estabilidade financeira, 12 tem algo em mente, mas não sabem o que fazer para alcançar o objetivo, 17 sabem o que querem fazer e já traçam metas, sendo o estudo, uma das maneiras. Cada resposta foi comentada e complementada por novas informações. **Conclusão:** Houve curiosidade e envolvimento dos adolescentes, muitos desejam ingressar no mundo do trabalho, tendo satisfação pessoal, mas não encontravam respostas para algumas de suas perguntas. A escola deve ser um espaço de maior diversidade de oportunidades. A dinâmica favoreceu a reflexão sobre os interesses para a vida, os quais demandam esforços pessoais, estimulando uma maior responsabilização desses jovens para um futuro próximo.

Palavra Chave: Adolescente, Educação em Saúde, Promoção da Saúde

## A 024 ABORDAGEM E MANEJO DA CRIANÇA E ADOLESCENTE VÍTIMA DE VIOLÊNCIA SEXUAL

JOÃO VICTOR DE PINHO COSTA<sup>1</sup>, NICOLE VIEIRA SCHWAN<sup>1</sup>, CLARA VIEIRA MAGALHÃES<sup>1</sup>, MAURÍCIO VITOR MACHADO OLIVEIRA<sup>1</sup>

1. UFMG

Introdução

A violência sexual infantil ainda é, infelizmente, um quadro comum: em 2014, segundo dados do DataSUS, ocorreram 14.749 casos no Brasil. Ainda sim, é tema pouco abordado na formação médica, e merece destaque não só por sua importância epidemiológica, mas também pelos desafios que impõe para todos os profissionais envolvidos no cuidado à criança e ao adolescente. **Objetivos:** Informar sobre a identificação e manejo dos casos de violência sexual. Guiados pela apresentação de um caso clínico, demonstraremos alguns dos sinais - explorando anamnese, exames físico e complementares - que levantam suspeitas de uma possível violência, sobre o fluxo protocolar a ser seguido e a abordagem do paciente e família nos casos confirmados. **Discussão:** As violências sexuais são cometidas majoritariamente em ambiente intrafamiliar, e nem sempre deixam marcas físicas. Sua abordagem deve ser baseada na ética e empatia e incluir toda a família, a fim de tentar minimizar os danos causados pela violência. Existem diversos sinais de alerta, diretos ou indiretos, que devem ser observados e investigados pela equipe de saúde. A violência sexual é agravo de notificação compulsória, devendo também ser reportada para os Conselhos Tutelares, em casos confirmados ou ainda de suspeita. **Conclusão:** O conhecimento sobre sinais de alerta, fluxo de procedimentos e estratégias de como melhor abordar pacientes vítimas de violência sexual e suas famílias, pode ajudar os ouvintes a melhor lidarem com esse tema tão desafiador e presente na prática médica, auxiliando-os a fornecer um atendimento integral e de qualidade a esses pacientes tão fragilizados.

Palavra Chave: Violência Sexual Infantil Manejo